

ENSINO SUPERIOR

Transformação RADICAL

UNIVERSIDADES TERÃO ACOLHIMENTO VIRTUAL DE CALOUROS

Pág. 2

VESTIBULAR TENDE A MUDAR PARA SEMPRE

Pág. 4

ENEM PRECISA SER REFORMULADO, DIZ SIMON SCHWARTZMAN

Pág. 8

Nenhum gestor ou pesquisador da área de educação superior discute que a convivência acadêmica entre alunos e professores é um dos pilares de uma educação de qualidade, seja do ponto de vista formal ou mesmo para a consolidação das chamadas competências extracurriculares, cada vez mais valorizadas pelo mercado. Diante disso, a pandemia forçou as instituições públicas e privadas a acelerar processos que já estavam em curso na questão do ensino remoto. Mesmo assim, não foi fácil. Nas públicas, por exemplo, alunos de baixa renda não tinham

nem computadores e muito menos acesso à internet.

Como o primeiro semestre de 2021 ainda estará totalmente marcado pelo coronavírus – e tudo indica que no segundo também não haverá muitas diferenças –, as incertezas ainda pautam a programação e o cronograma das instituições de ensino superior. Mesmo assim, um legado a favor da tecnologia, do ensino híbrido de qualidade e, principalmente, de currículos que dialoguem mais com a realidade é algo que já está sedimentado por tudo o que se viveu em 2020.

Este material é produzido pelo Media Lab Estadão.





Universidades públicas preparam ACOLHIMENTO virtual

A exemplo de outros eventos que não foram realizados em razão da pandemia, as atividades organizadas pelas universidades para marcar o início do semestre letivo e a recepção aos calouros também não ocorrerão presencialmente. As instituições vão ter o desafio de fazer essa integração dos novos alunos ao ambiente e à rotina acadêmica de maneira virtual.

"As tradicionais ações de recepção dos calouros devem ser adaptadas para os meios digitais, em ações de teleacolhimento", diz Célia Maria Giacchi, pró-reitora de Graduação da Universidade Estadual Paulista (Unesp). "Vamos respeitar as especificidades de cada curso e buscar fórmulas criativas para acolher nossos estudantes e recepcionar os calouros da melhor maneira possível para o ano letivo de 2021."

Na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), a recepção aos ingressantes vai envolver professores, estudantes e todas as instâncias da universidade, tudo no formato virtual. "Nós já temos uma experiência maior com o acolhimento no contato remoto, mas continua sendo um desafio, pois somos prioritariamente presenciais e entendemos que nossos processos formativos também devem ser assim. Geralmente, temos uma semana de recepção aos calouros para eles conhecerem a universidade, o curso, os professores e os recursos que a universidade oferece. Tudo isso vai acontecer, mas de maneira digital", diz Isabel Harrmann de Quadros, pró-reitora de Graduação da Unifesp. "Também incluiremos como trabalhar com os ambientes virtuais de aprendizagem, para eles terem acesso a todas as salas que virão."

Marcelo Knobel, reitor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), reforça essa ideia. "Infelizmente, não teremos condições de receber os estudantes presencialmente, pois é hora de colocar em primeiro lugar a saúde e o bem-estar de todos. E uma pena eles não puderem vivenciar esse aspecto tão importante que é a vida universitária, a vida no campus e conhecer os colegas. Infelizmente, a realidade se impõe e precisamos trabalhar com ela."

De acordo com o reitor, as unidades acadêmicas e os professores vão fazer o acolhimento, trabalhando de forma remota e buscando canais de comunicação mais efetivos com o serviço de apoio ao estudante, com a pró-reitora de graduação e com os centros acadêmicos das unidades. E, nos encontros por meios virtuais, terão prioridade a troca de experiência e a possibilidade de as pessoas se conhecerem, discutirem e falarem, e não apenas apresentações de professores.

Ainda segundo o reitor da Unicamp, a orientação é que as atividades didáticas sejam feitas de maneira remota no primeiro semestre de 2021. A situação da pandemia está

Crise impede definição de retomada das atividades didáticas presenciais para os calouros

sendo acompanhada e, se houver a possibilidade de algum retorno, a prioridade será para atividades que exijam presencialidade. Por exemplo, alunos que estão no último ano e que precisam de algumas horas de atividade prática para se formar. "Cada unidade vai avaliar sua prioridade e a maneira de realizar essas atividades para evitar qualquer tipo de contato e risco de contaminação", afirma Knobel.

A Universidade Federal do ABC (UFABC) já passou pelo desafio de receber calouros, uma vez que os ingressantes do ano letivo de 2020 iniciaram as aulas em setembro, em meio à pandemia.

Neste ano, segundo a pró-reitora, provavelmente será seguida a programação feita no ano anterior. Foi organizado um calendário totalmente virtual, que contou com a colaboração de diversos setores da universidade. Os estudantes também tiveram acesso a uma série de lives e newsletters, abordando aspectos da vida universitária. Além disso, foi ofertado o curso Introdução aos Bacharelados e Licenciaturas Interdisciplinares, que são os cursos de ingresso na instituição. Também ocorreram oficinas específicas oferecidas pelos cursos. "A expectativa é de que possamos aprimorar e ampliar essas iniciativas, agora com mais tempo de planejamento", afirma Paula Ayako Tiba, pró-reitora de Graduação da UFABC.

A pró-reitora também cita o projeto Q0, com jogos relacionados a pró-reitorias e estruturas administrativas da UFABC, identificação das entidades estudantis, acesso à biblioteca e principais informações sobre os campi da universidade. "O aluno cria um avatar, passeia pelos campi, entra em salas e conversa com atendentes virtualmente. Esse projeto teve uma relevância excepcional neste momento de ensino remoto e impossibilidade de presença física nos campi."

INCERTEZAS MARCAM VOLTA ÀS AULAS

Com o agravamento da pandemia da covid-19 no Estado de São Paulo, a volta às aulas nas universidades públicas paulistas deve ocorrer integralmente de maneira remota. As instituições elaboraram, ainda em 2020, seus planos de retomada das atividades presenciais, mas eles estão suspensos por enquanto, aguardando o momento em que o retorno seja possível.

As datas de início do primeiro semestre letivo de 2021 também vão sofrer atrasos devido à crise sanitária e ao adiamento dos processos seletivos e do próprio Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) que, neste ano, estão sendo feitos ao longo de janeiro e fevereiro.

A Universidade de São Paulo (USP), por exemplo, que além do vestibular da Fuvest utiliza o Enem via

Sistema de Seleção Unificada (Sisu), do Ministério da Educação (MEC), vai começar as aulas em 12 de abril. Na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), o início das atividades pedagógicas também será em abril (13/4) para os veteranos, mas a previsão para os calouros é o dia 5 de maio.

Na Universidade Federal do ABC (UFABC), os novos alunos iniciarão o ano letivo apenas em 13 de setembro. Na instituição, que tem o calendário organizado em quadrimestres, as aulas para os calouros normalmente começam por volta de maio, no segundo quadrimestre do ano, a tempo de aguardar o resultado do Enem e do Sisu e realizar todas as chamadas dos convocados.

"Neste ano, excepcionalmente, os calouros come-

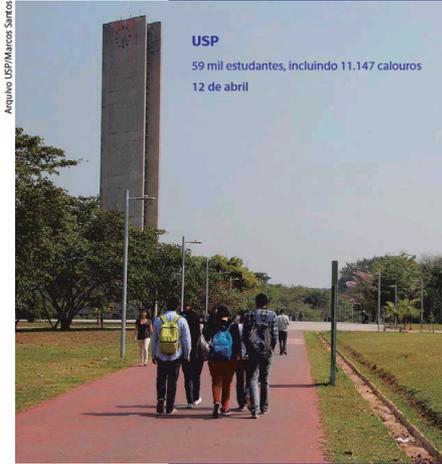
INÍCIO DOS SEMESTRES LETIVOS

UFABC
14 mil estudantes, dos quais 2 mil são calouros
1º de fevereiro: veteranos
13 de setembro: calouros

Unesp
40 mil estudantes, sendo 7.630 calouros a partir de abril (varia de acordo com a unidade, que tem autonomia para definir a data)

USP
59 mil estudantes, incluindo 11.147 calouros
12 de abril

Unicamp
20 mil estudantes, sendo 3.237 calouros
15 de março



estadaodigital #estadaodigital2 @pressreader.c

Av. Eng. Casetano Álvares, 55
1º andar
São Paulo-SP
CEP 02598-900
projeto@especial@estadao.com

Diretor de Conteúdo do Mercado Anunciante: Luis Fernando Bovo MTB 26.090-SP; Gerente Branded on Demand: Tatiana Babadobulos; Gerente de Estratégias de Conteúdo: Regina Foga; Gerente de Eventos: Daniela Pierri; Redes Sociais: Marli Bassolo; Especialista de Publicações: Lara De Novelli; Especialistas de Conteúdo: Ana Paula de Oliveira e Paula Savelli; Arte: Isar Barros e Robson Mathias; Analistas de Marketing Sênior: Luciana Gianellaro e Marcelo Molina; Analistas de Marketing: Isabella Paiva e Rafaela Visoni; Assistentes de Marketing: Amanda Miyagui Fernandez e Giovanna Alves; Produção: Rafaela Mattino; Colaboradores, Edição: Eduardo Geraque; Reportagens: Bianca Bibiano, Gilmar Santos, Lisandra Matias e Mauricio Oliveira; Design: Paula Coelho; Revisão: Francisco Margal.

Este material é produzido pelo Media Lab Estadão.





Aulas remotas exigem **INCLUSÃO DIGITAL** e apoio ao aluno

Instituições buscam oferecer acesso à internet para os estudantes carentes estadão



*alunos de graduação em números aproximados em 2020, previsto do número de calouros com base na quantidade de vagas ofertadas em 2021

Uma vez que o ensino vai continuar ocorrendo no modo virtual, as instituições vêm adotando algumas medidas com o objetivo de auxiliar os estudantes durante este período e tentar garantir o acesso de todos às aulas remotas.

Desde o início da pandemia, a USP distribuiu a alunos de graduação e de pós-graduação com carências socioeconômicas mais de 2 mil kits de internet. O combo engloba um chip para celular ou um modem portátil com interface USB, para 60 GB e mínimo de 100 horas-aula por mês.

A Unicamp priorizou os estudantes que são beneficiários dos projetos de inclusão, como cotistas, indígenas e refugiados. Cerca de 400 alunos receberam chips, que foram enviados também pelos correios para aldeias e para estudantes de outros Estados, inclusive na Amazônia.

Além disso, cerca de 900 estudantes foram atendidos desde o in-

ício da quarentena com o empréstimo de equipamentos, como tablets e notebooks. "Neste momento, voltamos a captar recursos. Estamos buscando novas alternativas para atender as demandas referentes ao primeiro semestre de 2021. Está em processo de aprovação o Programa de Inclusão Digital para alunos Ingressantes da Unicamp (Pidui), destinado aos selecionados em determinados programas, como o de apoio social", afirma a professora Dora Maria Grassi Kassisse, uma das responsáveis pelo Pidui. Em Campinas, as bolsas de auxílio-transporte, de aproximadamente R\$ 200 por mês, foram transformadas em auxílio emergencial durante a pandemia.

"São cerca de 2 mil bolsas que possibilitam que o aluno gaste esse valor naquilo que ele quiser e precisar, como internet ou alimentação. É importante não deixar nenhum estudante para trás, para que todos possam ter as mesmas oportu-

nidades. A desigualdade no País é imensa, e precisamos trabalhar no sentido de poder mitigar essas disparidades e buscar que todos tenham possibilidade de acesso. A universidade deve estar aberta a ajudar todos os estudantes que precisam de auxílio neste momento. E continuará assim neste ano para os que estão chegando", observa o reitor (da Unicamp) Marcelo Knobel.

Ao longo de 2020, os alunos da Unesp também receberam chips de telefonia móvel para acesso à internet (2.221), e foi ampliado em 27% o número de auxílios mensais fixos de permanência estudantil, chegando a 2.970. Também foi autorizada a concessão de um valor maior de subsídio-alimentação aos estudantes das moradias estudantis.

"Em 2021, a Unesp deverá fornecer uma rede de proteção ao estudante, com o reforço das equipes de saúde nos campi, além de adequações de infraestrutura física e didática para

atender as demandas específicas dos cursos, no sentido de propiciar um ambiente de acolhimento e cuidados com a saúde mental e física de nossa comunidade", afirma Maysa Furlan, vice-reitora da Unesp.

Na Unifesp, segundo a pró-reitora de Graduação, para os calouros em situação de vulnerabilidade socioeconômica haverá o chip para acesso à internet e um pacote de dados do programa Alunos Conectados do MEC. A ideia também é garantir para o primeiro semestre de 2021 a continuidade do aluguel de equipamentos, como notebooks e chromebooks, conforme foi feito em 2020, mas isso ainda está condicionado a aprovação.

Na UFABC, o Programa de Apoio ao Estudante, na modalidade Auxílio Inclusão Digital, proporcionou o empréstimo de equipamentos de informática (notebooks) para estudantes da graduação ou pós-graduação com renda per capita de até um salário mínimo e meio.

Este material é produzido pelo Media Lab Estadão



| GRADUAÇÃO

Pedagogia

NOTA 4 no ENADE

Programa de bolsas integrais para alunos pretos, pardos e indígenas

Confira o edital

www.veracruz.edu.br/instituto

Iniciativa: INSTITUTO VERA CRUZ e **abbvie**



PARTICIPANDO DO TERCEIRO SEMESTRE DO ENADE
COM O RESULTADO DE 4,00 (NOTA MÁXIMA)



MUDANÇA pauta as universidades privadas

#estadaodigital2@press

Quem está realizando em 2021 o sonho de chegar ao ensino superior terá uma experiência muito diferente daquela vivida pelos calouros nos anos anteriores. Não haverá a algazarra típica dos campi nem aquele frisson à espera de conhecer colegas, professores e ambientes de aula.

A perspectiva geral é a permanência do ensino online enquanto a pandemia não estiver sob controle – o que todas as projeções indicam que só começará a ocorrer a partir do segundo semestre, a depender do ritmo de cobertura da vacinação.

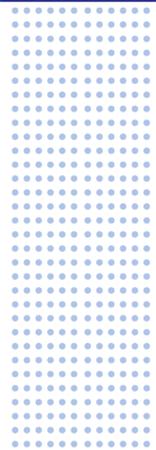
As mudanças no ensino superior não são provisórias: quanto pode parecer. Tanto as estratégias de estudo quanto a postura de professores e estudantes deverão sair da pandemia definitivamente transformadas. “Era um processo que já estava em andamento e foi acelerado pela crise da covid-19”, avalia Alexandre Gracioso, vice-presidente acadêmico da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM).

Os novos tempos exigirão dos estudantes uma nova atitude, considera o gestor. “Talvez muitos que estão saindo do ensino médio e chegando à universidade não estejam preparados para agir com foco e a organização necessários. Mas vão precisar se adaptar rapidamente, pois é um caminho sem volta. Não apenas para a trajetória acadêmica, mas para o resto da vida deles.”

Investimentos em tecnologia
Com 12 mil estudantes e cerca de 1.500 ingressantes agora em fevereiro, a ESPM já definiu que o ano letivo será iniciado com atividades 100% remotas. Formatos diferentes até podem surgir a partir de março, desde que as orientações das autoridades em relação à pandemia permitam essa alternativa.

“Estamos acompanhando tam-

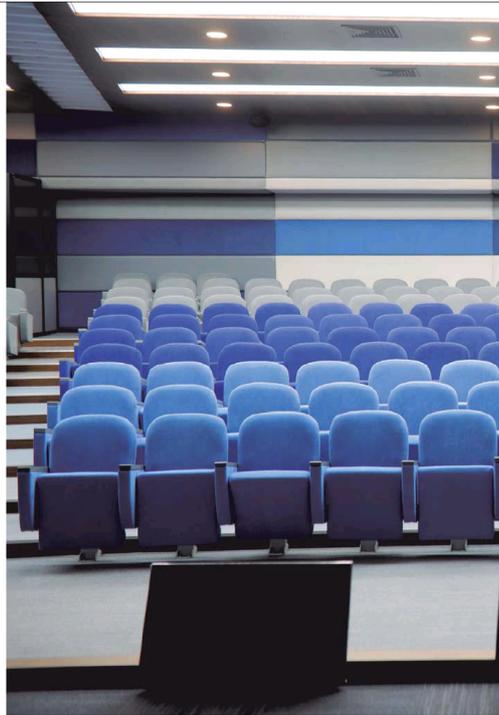
Em um primeiro momento, calouros não terão contato com a algazarra típica dos campi



bem a sensação dos estudantes e das famílias a respeito. No atual momento da pandemia, o bom senso indica a continuidade das atividades remotas”, avalia Gracioso. Ele ressalta que é praticamente impossível fazer qualquer planejamento para o resto do ano. “Não há como imaginar como será o segundo semestre, por exemplo. Precisamos ir avaliando dia após dia.”

A Universidade Paulista (Unip) adotou a nomenclatura flex para definir o ensino que alterna entre o presencial e o remoto. “Até que a pandemia seja superada, as aulas teóricas continuarão a ser oferecidas por meio remoto. As aulas práticas, laboratórios e estágios serão presenciais, mantendo todas as condições prescritas pelas autoridades sanitárias”, descreve Marília Ancona-Lopez, vice-reitora da universidade.

Com quase 500 mil alunos, a Unip, ao longo da pandemia, vem investindo no aprimoramento da plataforma com o conteúdo programático de todas as disciplinas, incluindo aulas ao vivo ministradas pelos professores e com todo o suporte tecnológico necessário para o acompanhamento dos estudantes. Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), o primeiro semestre letivo será iniciado no dia 1 de março, com 100% das atividades de ensino e de pesquisa em funcionamento, como já ocorreu durante o ano de 2020. Segundo a reitora, a maior parte das atividades será realizada remotamente, sempre com aulas síncronas, que garantem a interação direta e simultânea entre os professores e os estudantes. A instituição informou também que as atividades realizadas em laboratórios, as aulas práticas e os serviços da área da saúde continuarão a ocorrer de forma presencial, assim como se deu em 2020.



PROTOCOLOS DE SEGURANÇA NAS UNIVERSIDADES

Confira os principais pontos da estratégia de combate à pandemia no ensino superior

FASES

De modo geral, cada instituição pública estabeleceu um certo número de fases, com a volta gradual de uma determinada porcentagem de pessoas, da mais restritiva até a que prevê a retomada completa das atividades presenciais e o retorno de toda a comunidade universitária. A passagem para a etapa seguinte requer a permanência de condições e de estabilidade da pandemia durante um determinado período. Do mesmo modo, a regressão para uma fase anterior também pode ocorrer. Nas instituições privadas, a volta às aulas em 2021, entre fevereiro e março, será praticamente remota. Exceções feitas a algumas aulas práticas.

REGRAS

Além do uso de máscara e da manutenção do distanciamento social, as instituições preveem uma série de protocolos de biossegurança nos mais diversos ambientes, incluindo bibliotecas, refeitórios e áreas de convivência. A realização de treinamentos pela comunidade acadêmica e o preenchimento de questionário sintomatológico também estão entre as medidas adotadas.

Prioridades: no retorno presencial vão ser priorizados os seguintes grupos de estudantes, nesta ordem: formandos, alunos da área da saúde, ingressantes e demais alunos.

ATUALIZAÇÕES

Devido à instabilidade na situação da pandemia, os planos das universidades estão sendo constantemente alterados e atualizados.

estadaodigital #estadaodigital2@pressreader.c

CURSOS SUPERIORES ENTRAM EM REVISÃO

Para além das mudanças trazidas pela migração dos cursos presenciais para modelos remoto e híbrido, a crise causada pelo novo coronavírus está repercutindo diretamente no conteúdo dos cursos de ensino superior. As instituições estão sendo forçadas a procurar novos componentes e práticas curriculares que dialoguem com a situação. Totalmente inédita na história da humanidade.

No Instituto Singularidades, focado na área de educação, por exemplo, alunos de licenciatura estão revisando seu próprio aprendizado para entender as dinâmicas que impactarão também as escolas de ensino básico. Segundo Cristina Nogueira Barelli, coordenadora do curso de Pedagogia, os princípios, pressupostos e currículo do curso mudaram visivelmente.

“Vivenciamos uma mudança de ordem metodológica e de estratégia de ensino e aprendizagem, ao mesmo tempo que nossos alunos passaram por essas mudanças em seus estágios”, explica.

Em outras instituições, como a Universidade Federal do ABC, o corpo docente tem trabalhado para inserir novos componentes curriculares na grade, permitindo maior adaptação e até a criação de disciplinas relacionadas ao contexto atual. “Agora é possível, por exemplo, criar uma abordagem nova para questões sociais e econômicas relacionadas à pandemia”, diz Paula Tiba, pró-

-reitora da instituição. Ela destaca ainda uma mudança comportamental dos alunos ao escolherem as aulas de cada ciclo letivo. “Eles têm autonomia para selecionar disciplinas eletivas e obrigatórias, mas a impressão é que perceberam as dificuldades do remoto e passaram a focar ainda mais no que desejam cursar, selecionando menos disciplinas por período”, analisa.

Por razões óbvias, os programas de ensino da área da saúde foram os primeiros e os mais impactados pela crise sanitária. Diferentemente de outras áreas que ficaram mais restritas ao ambiente virtual, muitos alunos de medicina e enfermagem, dentre outros, puderam atuar na linha de frente em hospitais, clínicas e laboratórios, afetando a vivência da graduação.

Com a possibilidade de fazer estágio na rede de saúde desde o primeiro semestre, os alunos do curso de medicina do Centro Universitário de Jaguariúna (UnifAJ) puderam mergulhar no tema em atividades que repercutem casos vivenciados na prática. “Temas de fisiopatologia, quadros infecciosos, epidemiologia, defesa do organismo ou movimento anatómico, tudo foi adequado para que pudesse refletir o combate à covid-19”, explica Flávio Pacena, diretor da instituição.

A prática interdisciplinar, embora já prevista nos cursos, também ganhou força. “No começo da pandemia, quando faltou álcool em gel e havia dúvidas

Os alunos têm autonomia para selecionar disciplinas eletivas e obrigatórias, mas **PERCEBERAM AS DIFICULDADES DO REMOTO** e passaram a focar ainda mais no que desejam cursar

PAULA TIBA, pró-reitora da Federal do ABC

sobre seu uso, nós reunimos alunos de farmácia e engenharia para produzir torens informativos, usando tanto internamente quanto em comunidades, por meio de doação”, relembra Pacena.

Contra o negacionismo

A maior interação entre os cursos também é apontada como uma tendência positiva por Milton de Ardua Martins, presidente da Comissão de Graduação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. “Ninguém hoje imagina tratar um paciente de covid-19 com apenas um médico. É toda a equipe que participa. Essa questão ficou tão clara que vejo como janela de oportunidade para reforçar essa formação interprofissional, tão importante no século 21”, diz o professor da USP.

Ao falar sobre as mudanças na estrutura dos cursos, Martins diz que um dos pontos mais urgentes para a formação de médicos é reforçar a importância da medicina baseada em evidências. “Ficou ainda mais claro que os alunos precisam estudar os critérios para o desenvolvimento e a utilização de novos medicamentos. Estamos em uma crise de negacionismo, de visão anti-científica por parte de vários setores da população e a discussão sobre o uso de medicamentos de forma mais científica precisa ser reforçada nos cursos”, defende.

Este material é produzido pelo Media Lab Estadão.



Foto: AFP/Agência Brasil

VESTIBULAR TENDE A MUDAR

Os processos seletivos das universidades privadas tiveram de passar por grandes adaptações por causa da pandemia. Diante da necessidade de evitar aglomerações, as provas precisaram ser feitas de forma remota. Com isso, uma das grandes preocupações passou a ser evitar fraudes, como a possibilidade de realização de pesquisas na internet para responder a questões ou até mesmo ter outra pessoa fazendo a prova em nome do candidato.

Cada instituição criou sua estratégia para lidar com a impossibilidade de realizar provas presenciais. Algumas estão considerando os resultados tão positivos que as mudanças poderão ser adotadas em definitivo.

A Fundação Getúlio Vargas (FGV) adotou uma tecnologia importada que monitora o candidato em tempo real durante a prova, estruturada de forma semelhante à que seria realizada presencialmente. Informações como a velocidade ao digitar e a direção do olhar são vigiadas pela câmera do notebook e também por fiscais contratados para acompanhar as imagens e desencorajar atitudes que podem levar à eliminação do candidato.

"O índice de situações suspeitas não foi maior do que ocorre presencialmente", explica Antonio Freitas, pró-reitor da FGV, referindo-se ao processo seletivo realizado em novembro. "Poucos candidatos demandaram um nível de investigação mais aprofundado. E sempre que for necessário temos ferramentas à disposição para isso, com a vantagem de que fica tudo registrado."

Se adotado em definitivo, destaca Freitas, o método permitirá que candidatos de todos os cantos do País – e mesmo que estejam em outros países – concorram a uma vaga na instituição sem precisar fazer o investimento de tempo e de dinheiro para comparecer ao local da prova. "Imagine o quanto isso apro-

xima a FGV de estudantes de grande potencial que estão em lugares como o interior da Paraíba ou do Piauí, príncipes em campeonatos das Olimpíadas de Matemática. Será um grande incentivo à diversidade", prevê o pró-reitor.

Os educadores da ESPM também estão entusiasmados com as novas possibilidades que se abriram com o processo seletivo remoto. "Vamos aguardar para ver o desempenho acadêmico dos alunos que estão entrando esse ano. Se for comparável com o desempenho dos anos anteriores, será a comprovação de que o novo processo seletivo foi muito bem-sucedido, como é a sensação que temos", diz Alexandre Gracioso, vice-presidente acadêmico da ESPM.

A instituição decidiu abrir mão da possibilidade de realizar de forma remota a tradicional prova com questões de múltipla escolha. A solução foi adotar um processo totalmente diferente, composto por três etapas, cada uma delas gerando parte da nota final.

O candidato precisou fazer uma redação e mandar um vídeo, de até três minutos, explicando a escolha do tema e a lógica de encadeamento das ideias – processo que, na avaliação da ESPM, evidencia eventuais inconsistências em relação à maioria. Outra etapa foi uma entrevista por videoconferência, conduzida por um professor ou uma professora do curso desejado, a partir de uma relação indicada de livros e trabalhos audiovisuais.

"Os professores passaram por um treinamento sobre como conduzir essas conversas e como padronizar os critérios em relação aos outros avaliadores", diz o vice-presidente acadêmico da ESPM. Ele aposta que ao menos essa etapa da entrevista – muito comum no exterior – será adotada em definitivo pela instituição, mesmo no pós-pandemia.

Com a pandemia, classes e auditórios ficaram vazios, enquanto aulas remotas sobram de patamar

Ensino a distância GANHA PRESTÍGIO

Antes da pandemia, o EaD era considerado um "plano B", menos eficaz que as aulas presenciais

nem facilitar a vida dos estudantes. Ao contrário, é uma convocação para que se dediquem mais e assumam com mais empenho as rédeas do próprio aprendizado", diz o pró-reitor da FGV.

Online em alta

Antes da crise da covid-19, a ESPM já vinha apostando em cursos híbridos (ou blended, no termo em inglês utilizado internamente), que misturam aulas presenciais com atividades a distância. Iniciada na pós-graduação, a prática já vinha sendo preparada para chegar à graduação – o que acabou ocorrendo de vez por causa da pandemia.

"O fato de termos uma experiência sólida já em andamento acabou nos dando uma vantagem quando chegou a necessidade do isolamento social, pois já dispúnhamos de infraestrutura, de uma plataforma de EaD rodando e de uma equipe bem treinada", afirma Alexandre Gracioso, vice-presidente acadêmico da instituição. "Tanto que fechamos o campus no dia 12 de março e no dia 26 já estávamos com tudo funcionando remotamente."

Ele lembra que, nos contatos da instituição com as empresas, muitas já vinham solicitando cursos em formato híbrido ou até mesmo 100% online. Algumas ainda resistiam, no entanto, por considerarem o presencial "obrigatório" para o melhor aprendizado. Com a pandemia, essa visão também mudou.

Um equívoco comum quando se pensa em ensino remoto, observam os representantes da ESPM e da FGV, é pensar que os custos das instituições caem drasticamente. "Isso não é verdade, tanto que os valores das nossas mensalidades e de outras instituições do mesmo patamar não foram reduzidos", diz Freitas, da FGV.

Isso ocorre porque os eventuais ganhos nos custos fixos da estrutura física, como energia, água e material de limpeza, são compensados – e frequentemente superados – pelos investimentos adicionais em tecnologia e infraestrutura.

A ampla disseminação do ensino a distância por força da pandemia contribuiu para elevá-lo de patamar na visão do grande público – e também de muitos especialistas em educação. Até então, o EaD era em geral visto com reserva, como uma alternativa que inevitavelmente envolvia certa perda de qualidade do ensino. Agora, muita gente passou a considerar que o aprendizado remoto pode ser tão bom ou ainda melhor do que o presencial.

"Imagine um estudante que trabalha durante o dia e precisaria pegar uma hora ou mais de transporte para estudar à noite. Se esse curso for realizado a distância, ainda que parcialmente, o desempenho dele certamente será melhor, pois parte do tempo gasto no transporte poderia ser aplicada no estudo", pondera Antonio Freitas, pró-reitor da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Freitas considera que ninguém está mais interessado em aprimorar a qualidade do ensino a distância do que as próprias universidades, pois essas instituições dependem diretamente do bom desempenho e da satisfação dos alunos para continuar sendo relevantes. "EaD não significa afrouxar as exigências

Este material é produzido pelo Media Lab Estadão.

FACULDADE FIPECAFI

TRANSFORME A SUA CARREIRA

Em Formação...

CARREIRA NETWORKING FUTURO

CURSOS PRESENCIAIS, EAD E MOBI

PÓS-GRADUAÇÃO

Formação em 12 meses

- Gestão de Custos e Negócios
- Gestão de Seguros e Previdência
- Gestão de Governança, Risco e Compliance
- Mercado Financeiro e de Capitais¹
- CEFIN - Contabilidade, Controladoria e Finanças - 18 meses
- CASP - Contabilidade Aplicada ao Setor Público **NOVO**

MBA

- Controller
- Gestão Tributária
- IFRS
- Contabilidade e Finanças
- Finanças e Valor **NOVO**

MESTRADO PROFISSIONAL

- Controladoria e Finanças

INSCRIÇÕES PELO SITE

WWW.FIPECAFI.ORG

Rua Maestro Cardim, 170 - Bela Vista - CEP: 01323-001
Próximo à Av. Paulista e das estações Paulista e Vergueiro do Metrô
Tel: (11) 2184-2020 | e-mail: relacionamento@fipecafi.org

/FundaçãoFipecafi @faculdadefipecafi @fipecafi

PARCERIA¹

[B] EDUCAC

FUNDAMENTO LEGAL DO MÓDULO DE CONTABILIDADE E FINANÇAS: Lei nº 11.639/2008

https://digital.estadao.com.br/o-estado-de-s-paulo/20210131

5/8



ALTERAÇÃO NA ROTINA

dos estudantes veio para ficar

Entre erros e acertos, professores e alunos tentam se reconectar

A universidade é o primeiro passo em direção à carreira profissional. Nas salas de aula, além do conhecimento técnico, os estudantes costumam ter o primeiro contato com a área que pretendem atuar e a interação com os colegas contribui de forma decisiva para a formação profissional. Mas 2020 foi totalmente diferente. As salas de aula deram lugar ao ensino remoto e a convivência social foi substituída pelos contatos virtuais.

A relação entre alunos e professores teve de ser repactuada para que a essência do aprendizado, ou seja, a relação franca para que a troca de conhecimento ganhe fluidez, não fosse totalmente perdida. A adaptação ao novo contexto, no entanto, não foi nada simples, admite Leonardo Rodrigues de Moraes, CEO da BSSP Centro Educacional, da cidade de Goiânia. "Confesso que no início foi difícil, pois o professor tradicional (sala de aula presencial) é muito sinéscico, ou seja, precisa desse contato presencial com os alunos, mas isso é apenas um paradigma a ser quebrado. Os recursos tecnológicos ajudaram também, tivemos que nos reinventar, e com isso descobri metodologias ativas que aumentam a interatividade dos alunos com o professor, com uma eficácia de aprendizagem elevada", diz o professor.

As inevitáveis perdas de competências que ocorreram com a ausência do convívio social universitário são inerentes ao processo, segundo Adriana Karam, presidente do Grupo Educacional Opet e reitora da UniOpet, de Curitiba. Segundo ela, entretanto, os desafios impostos pelo ano de 2020 também trouxeram aprendizados que não podem ser descartados. "É certo que nem tudo o que havíamos planejado de aprendizagens para os estudantes aconteceu. Seria leviano dizer que as instituições de ensino ou escolas conseguiram desenvolver todas as competências previstas no início do ano, mas posso afirmar que houve muitas aprendizagens não previstas, e que não seriam possíveis caso não passássemos pelo que passamos. Então, vamos trabalhar para recuperar o que precisa ser recuperado e manter o que foi aprendido", afirma.

Independentemente do que o futuro indicar, estreitar relações por meio do convívio social feito via tecnologia é um dos legados que a pandemia vai deixar. "A falta de convivência social trará sim mais dificuldade para o engajamento no ambiente de trabalho. Por outro lado, as pessoas aprenderam a se relacionar pela tecnologia. E isso pode ser um ganho para quem precisar interagir com pessoas que



estão em outras cidades ou países", diz Flora Alves, especialista em aprendizagem.

Para João Cuilherme Porto, diretor da Faculdade Arnaldo, de Belo Horizonte, não se pode afirmar que professores e alunos não interagiram em 2020. "O sistema que foi adorado pela maioria das instituições de ensino, e nos diversos segmentos, é um sistema interativo", destaca Porto.

Lado emocional

Se professores e gestores da área educacional tiveram de se readaptar ao novo momento, aos alunos, coube, quando possível, se adaptar o mais rapidamente. "Temos que entender que em um momento tão caótico é importante sim estudar. Pois o mercado de trabalho não para", afirma Lara Borges Souza, estudante de Gestão de Pessoas. Para ela, o principal desafio, que deve continuar em 2021, é otimizar o tempo e o lado emocional.

Após todas as transformações de 2020, o ano de 2021 não deve ser muito diferente para alunos e professores, pelo menos no primeiro semestre. Mas o aprendizado obtido até aqui, afirma Leonardo Moraes, da BSSP Centro Educacional, vai ser muito útil.

"As expectativas são as melhores, pois com as dificuldades enfrentadas em 2020 foi possível identificar os acertos e erros e criar uma metodologia adequada à realidade dos estudos online. Os alunos estão menos resistentes, inclusive durante as aulas, e houve vários feedbacks do tipo: 'Mesmo após a pandemia, as aulas poderiam continuar neste formato'", afirma o executivo.

Em uma nova rotina, alunos tentam solidificar novas formas de convivência com os colegas e o corpo docente

DESAFIOS DA CONVIVÊNCIA

Manter o interesse do estudante nas aulas remotas não é tarefa fácil e os professores estão se desdobrando para tentar prender a atenção dos alunos. O professor da Universidade Positivo, em Curitiba, Fábio Muniz, encontrou um meio inusitado para conseguir entreter os jovens. Ele resolveu dar as aulas fantasiado. "Surgiu de uma brincadeira com uma turma durante a aula remota. Apareci com uma peruca durante a aula e o pessoal se divertiu com a ideia. Devido às postagens nas redes sociais, os alunos de outras turmas começaram a me cobrar também", diz Muniz. Apesar de a brincadeira não ter sido uma unanimidade, porque alguns estudantes o criticaram, o docente percebeu que a novidade contribuiu para uma maior participação das turmas durante as aulas. "Criou-se um laço maior entre professor e aluno. Em algumas aulas alguns vieram fantasiados e mudavam o fundo de tela, se tornaram mais comunicativos", diz.

A brincadeira dá um tom mais descontraído às aulas. No entanto, o professor alerta que ainda há muitas dificuldades no ensino remoto. "Em primeiro lugar tecnologia e conexão com internet. Nem todos os alunos possuem equipamentos que permitissem uma boa participação. Em segundo lugar, a adaptação de conteúdos práticos ao modelo remoto. Tanto professor como aluno tiveram que reaprender e se reinventar para um novo modelo de ensino e aprendizagem", explica.

Ele diz que grande parte das disciplinas que leciona permite, em algumas situações, o uso de fantasias para descontrair em alguns momentos da aula. "Se o perfil das turmas permitir, no pós-pandemia, o professor que eles vão encontrar será um pouco diferente do que estão acostumados", avisa. "Mas a coisa mais importante não é fantasia. Ela sozinha é apenas um adereço. O importante é a qualidade do conteúdo que o aluno aprende", considera o professor.

O preparo das aulas também precisou de atenção especial. "No início foi mais complicado, mas com o passar do tempo consegui buscar formas e atividades que abordassem o conteúdo a ser ministrado nas disciplinas, fazendo com que os alunos conseguissem dar um feedback positivo, e também negativo, ao que foi ministrado. O conteúdo da aula remota é igual ao da

presencial, afirma Muniz. Existe um ganho em algumas atividades, em que o professor consegue deixar a aula mais participativa, incentivando a pesquisa e a proatividade do aluno, mas também existem perdas. O ponto negativo, considera o professor, é a adaptação de alguns alunos ao modelo remoto, seja por falta de intimidade com a tecnologia ou mesmo por desinteresse pelo formato de aprendizagem.

Mesmo com toda a transformação e adaptação, nada substitui a interação na sala de aula, segundo o docente. "A vivência presencial na sala de aula ajuda o aluno a encarar desafios de convivência que são diferentes de uma aula remota. Interações e conflitos presenciais forçam o aluno a desenvolver habilidades e competências que são difíceis de conseguir estudando somente a distância. Habilidades práticas, presenciais e em grupos vão refletir na formação do profissional que sairá para o mercado de trabalho", diz o professor.

A vivência presencial na sala de aula AJUDA O ALUNO A ENCARAR DESAFIOS de convivência que são diferentes de uma aula remota

FABIO MUNIZ,
professor da
Universidade Positivo



ENSINO HÍBRIDO não é o que parece

Entenda o perfil da modalidade que tem ganhado espaço nos cursos universitários



Entre os temas mais comentados no campo da educação no início deste ano, o ensino híbrido é também um dos mais mal interpretados. Conceitualmente, ele é composto por modelos de aula que integram a tecnologia digital no processo de ensino visando à personalização, mas o termo é por vezes usado erroneamente para descrever uma simples utilização das tecnologias digitais vinculadas a um ensino remoto ou presencial, como no caso de uma transmissão de aulas, por exemplo.

Quem alerta para o uso equivocado da definição é o professor e consultor Fernando Trevisani, que investiga a formação de professores e o uso das metodologias ativas na educação. "O ensino híbrido é a utilização do potencial trazido pelas tecnologias digitais para que o professor consiga usar diferentes recursos e atividades para coletar dados e informações que possam servir para modificar e personalizar intencionalmente a aprendizagem presencial do aluno", explica.

Al mencionar o aspecto presencial, Trevisani também faz uma ressalva sobre o que não cabe no

conceito. "Tudo o que não envolver atividade presencial não pode ser caracterizado como ensino híbrido. A simples transmissão online de aulas, por exemplo, não carrega esse conceito se o uso dessa tecnologia não tiver a intenção de levantar informações sobre como o aluno aprende para que o professor possa personalizar o ensino no ambiente presencial, durante sua sequência de aulas."

Nesse sentido, o especialista destaca ainda que, devido à suspensão das aulas presenciais na maioria dos cursos superiores, não é possível dizer que o ensino universitário brasileiro oferece, de fato, o ensino híbrido. "Esses modelos terão mais destaque após a experiência dos alunos com o ensino remoto, mas para isso é necessário a formação docente", completa.

Em pesquisas realizadas no último semestre, o Simesp, organização que representa parte do setor de ensino privado em São Paulo, constatou um desejo tanto de professores quanto de estudantes de retomar as aulas presenciais, mas ambos os grupos também observaram os benefícios de ter parte das

atividades em contexto remoto. As instituições privadas também têm como uma das preocupações o aumento da dificuldade de acesso entre os universitários.

Essa foi a realidade enfrentada pelo estudante de jornalismo Samuel Vinor Neves Pereira, 21, do Centro Universitário FAM. Ele ingressou no primeiro semestre de 2020 e seu curso previa uma estrutura semanal com quatro dias de aula presencial e um dia remoto. Contudo, após as restrições sanitárias, precisou completar o ano letivo totalmente online. "A falta de contato com o professor é difícil e qualquer coisa distrai em casa", afirma Pereira.

Embora veja um cenário complicado para o retorno à sala de aula, o estudante tem altas expectativas para vivenciar efetivamente a vida universitária presencial. "Será bom ter o professor lado a lado para uma discussão. No online, principalmente com muita gente, os alunos falam ao mesmo tempo, às vezes eles não conseguem responder direito. Este ano, teremos mais disciplinas práticas e acho que não dá para fazer em casa", diz.

ENSINO HÍBRIDO

O QUE É:

É composto por modelos de aula que integram as tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem, de modo que elas auxiliem na coleta e análise de dados pelo professor por meio de atividades intencionalmente pensadas para que ele realize a personalização do ensino.

O QUE NÃO É:

Não é uma aula remota ou EaD. Também ficam de fora do conceito as atividades gravadas e a simples transmissão de conteúdos online, sem possibilidade de ocorrer a personalização do ensino a partir do uso das tecnologias digitais pelo professor durante as aulas.

EM BUSCA DA EFETIVIDADE

A falta de infraestrutura nas casas dos alunos para acompanhar de forma efetiva as aulas por meio remoto pode ser contornada, segundo Rodrigo Capelato, diretor executivo do Simesp. Uma aposta das instituições para contribuir com a solução do problema é a abertura dos espaços físicos das faculdades para proporcionar locais de aprendizagem, mas sem aulas coletivas.

"Muitas abrirão as portas para alunos com dificuldades. Haverá um protocolo de segurança, é claro, mas eles poderão usar espaços e equipamentos, tanto para acessar atividades remotas quanto para tirar dúvidas", explica Capelato.

Também de olho no futuro do setor, a Associação Brasileira de Educação a Distância (Abed) vislumbra um cenário em que as fronteiras entre modelos de ensino presencial e a distância serão mais fluidas, impactando até mesmo nas nomenclaturas previstas pela legislação. "Podemos ter cursos com uma maior carga presencial, outros com maior

carga a distância, mas será difícil caracterizá-los nos conceitos que compreendemos hoje", aponta Luciano Sahler, membro da Abed e do Conselho Deliberativo do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Para que o modelo híbrido seja efetivo, ele resalta a necessidade de melhorias no suporte educacional oferecido pelas instituições. "É preciso ter melhores sistemas, pessoas capacitadas e softwares integrados. Existe uma série de parâmetros para implementar essas modalidades com boa qualidade, tanto no serviço de suporte administrativo quanto no apoio pedagógico. Os cursos não podem ter uma ênfase conteudista, por exemplo. Não se pode sobrepor o aluno com muitos textos, vídeos e podcasts, com pouca ou nenhuma adequação à modalidade, e esperar que ele estude sozinho. Quanto mais interação de boa qualidade houver entre aluno e professor, assim como entre os próprios estudantes, melhor é o curso."

Este material é produzido pelo Media Lab Estadão.

PRÉ-IMPRESSÃO DE 11/01/2021 ÀS 14:55 HORAS
CONTATO: (11) 3061-1000
CONTATO: (11) 3061-1000

pressreader



ENTREVISTA
SIMON SCHWARTZMAN, SOCIÓLOGO

O ENEM PRECISA SER MODIFICADO, há um equívoco nesse formato

A pandemia, na avaliação do sociólogo Simon Schwartzman, membro da Academia Brasileira de Ciências, criou um paradoxo no ensino superior. Ela acabou diminuindo as disparidades entre as escolas públicas e privadas porque houve um nivelamento por baixo entre elas. Segundo ele, estamos em um momento-chave para que as instituições repensem seus modelos de ensino e currículo, bem como o papel da ciência em todos os cursos. Em entrevista ao Estadão, o especialista em educação fala também sobre suas preocupações com o Enem.

De que forma o senhor analisa os reflexos da pandemia nas desigualdades que permeiam o ensino superior brasileiro?

De algum modo, a desigualdade pode até ter diminuído, no sentido em que as universidades privadas, que já faziam o ensino a distância em alguns cursos, continuaram, enquanto o setor público, que fazia o presencial, teve mais dificuldade para passar a nova modalidade. As pessoas que estavam estudando presencialmente em boa parte do setor público foram as mais prejudicadas. Então, nesse sentido, pode ter havido diminuição da desigualdade não porque houve melhora, mas porque houve piora. As pessoas que estavam nos melhores cursos sofreram mais. Algumas universidades públicas conseguiram reagir, mas a grande maioria teve muita dificuldade em adaptar-se ao novo sistema. Uma boa parte do setor privado já fazia educação a distância. Para eles, o impacto foi menor.

De modo geral, que dificuldades foram essas e como os cursos reagiram ao problema?

Houve grande dificuldade de mudar a maneira de ensinar, de ter equipamento adequado, os próprios estudantes não tinham recursos às vezes. Algumas univer-

Pode ser que essa situação que estamos vivendo agora **NOS AJUDE A PENSAR E DAR MAIS IMPORTÂNCIA À PESQUISA CIENTÍFICA**, em todas as suas dimensões

sidades, eu cito o exemplo da Universidade Estadual de Campinas, fizeram um esforço muito grande de rapidamente se adequar à situação, colocar equipamentos na mão dos estudantes, inclusive financiando tablets ou computadores. Houve uma ideia de que isso [a pandemia] passaria, de que seria melhor esperar a fazer um esforço de readaptar-se e responder a nova situação.

Essa desigualdade pode ser agravada este ano? Situações que refletem diretamente nas universidades, como os problemas ocorridos no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), poderiam ampliar ainda mais o problema?

Há algum tempo, venho dizendo que o Enem precisa ser profundamente modificado. Não há sentido colocar todo ano cinco ou seis milhões de pessoas em uma prova nacional para selecionar 300 mil ou menos que vão para as universidades federais. Há um equívoco muito grande nesse formato. Além do mais, ele é incompatível com a reforma do ensino médio, que está em implementação e requer que os alunos sejam avaliados, não em todas as áreas, mas sim na área de formação específica que eles irão se orientar. O Inep Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira tem um projeto de fazer isso mais para frente, mas de qualquer modo, a ideia de um vestibular nacional e unificado em um dia é complicada, já está na hora de repensar se essa experiência vale a pena. Este ano, evidentemente, o problema foi muito maior e acho que vai dificultar. Não sei como o governo pretende fazer para administrar o processo de seleção para as universidades federais. Elas delegaram ao MEC a seleção de seus alunos através do Enem, mas já está em tempo de elas reorientarem essa responsabilidade. Podemos ter um exame nacional para dar informação geral sobre a competência dos alunos, como existe nos Estados Unidos o [exame] SAT, mas ele não deveria ser um exame único. Pode-se fazer um exame mais simples, algumas vezes ao ano, usando técnicas de computação e a distância. Há tecnologia para isso. E as universidades deveriam reorientar seu processo de seleção conforme suas preferências, suas vocações e seu público, que varia conforme a região e a área. É claro que este não é o primeiro ano em que o Enem tem problema, todo ano tem, mas este ano é mais grave. Está na hora da gente repensar isso profundamente.

A proposta de realizar um Enem totalmente online vem sendo feita há alguns anos. O senhor acredita que isso poderia suprir essas necessidades?

Se puder fazê-la a um custo razoável, acho que deve ser feito, mas o problema fundamental do Enem é que ele é uma prova única que amarra todo o ensino médio,

Para sociólogo, distanciamento social obriga escolas a olhar para o perfil dos seus alunos



Simon Schwartzman, 81, é um estudioso das políticas públicas em C&T

Temos uma enorme agenda **ONDE A CIÊNCIA TEM PAPEL FUNDAMENTAL** e precisa adquirir prioridade maior

porque as escolas se preparam para ela. Depois, ele tira das universidades a autonomia de selecionar, por exemplo, estudantes em sua região ou por outros critérios diferentes. As universidades não deveriam abandonar a responsabilidade pelo processo de seleção de seus alunos.

Considerando essas questões, como o senhor imagina que ocorrerá o ensino híbrido proposto por parte das instituições para este ano, tendo em vista os diferentes perfis de alunos inseridos no ensino superior?

Essa experiência de 2020 mostrou que há muita coisa que podemos fazer usando técnicas do chamado ensino híbrido, combinando presencial e a distância. Hoje em dia, uma boa parte dos alunos, inclusive no sistema público, tem aula à noite. É muito melhor, em vez de viajar ou pegar ônibus para chegar depois do trabalho, poder estudar em casa com seu equipamento ou até mesmo usar o espaço da universidade, mas podendo ficar em uma mesa com seu computador estudando, em vez de ir até lá para assistir a uma aula formal. Há muitas coisas que podem ser feitas, mesmo nas universidades onde o presencial é mais importante, combinando modalidades a distância. Outra coisa, que não é ensino híbrido, é o aluno estar online, sem um professor, apenas com um material à disposição e, em algum momento, ele faz uma avaliação presencial. Isso não é ensino híbrido, é outra coisa, mas pode sim ter seu lugar para pessoas que estão trabalhando ou não estão em busca de uma formação tão sofisticada, e pode ser útil para uma qualificação no mercado de trabalho. Essa modalidade precisa ser avaliada direito, principalmente do ponto de vista da empregabilidade das pessoas, de quantos terminam [o curso], pois muitos abandonam. São modalidades diferentes para atender estudantes com características diferentes. É preciso pensar diferentes instituições para diferentes tipos de aluno, e também na questão de recursos.

O tema da pandemia, de modo mais amplo, também pode afetar os currículos do ensino superior?

Evidentemente o tema estará em todos os currículos, sobretudo nas áreas de ciências naturais e nos cursos da área da saúde. Vai ter um lugar muito importante e um impacto mais geral em toda a questão do papel da ciência nas universidades e no País. Estamos enfrentando uma epidemia e não temos capacidade de produzir vacina. Temos duas instituições bem desenvolvidas, a [Fundação] Oswaldo Cruz e o [Instituto] Butantan, mas sem capacidade de produzir o ingrediente ativo fundamental das vacinas. Pode ser que, com toda essa questão do uso da ciência como critério para definir o que precisa ser feito, como tratar as pessoas e lidar com a questão, haja uma revalorização da ciência no País. Não só na área da saúde, mas em todas as áreas. Assim como temos um problema que depende de um trabalho da ciência, como a epidemia, temos outros nas áreas de saúde, ambiental, social, temas como criminalidade, organização da cidade, uma enorme agenda onde a ciência tem papel fundamental e precisa adquirir prioridade maior. Pode ser que essa situação que estamos vivendo agora nos ajude a pensar e dar mais importância à pesquisa científica, em todas as suas dimensões.

Isso reflete o debate sobre a urgência dos cursos superiores em responderem às demandas da sociedade com maior agilidade. Como o senhor vê essa questão?

Se você olhar a pós-graduação brasileira, os cursos de mestrado e doutorado, e o que os pesquisadores estudam, [verá que] são os temas de interesse da sociedade, em todas as diferentes áreas. Eles estão pesquisando problemas de saúde, de meio ambiente, de recursos naturais, enfim, não se pode dizer que os cursos não estão olhando para os problemas que o País necessita. Em geral, eles estão olhando, mas os recursos são poucos, dispersos e descontínuos. Não se faz pesquisa financiando meia dúzia de bolsas, é preciso haver investimentos maiores, estruturas com mais recursos, um padrão de qualidade mais exigente. Há que se passar de uma pesquisa, digamos, meio amadora, o que acontece em grande parte do País com nossa pesquisa universitária, para uma pesquisa mais profissional. Existem excelentes laboratórios e departamentos, mas são poucos e com poucos recursos. Para ter uma escala, com ciência e tecnologia modernas, com resultados práticos, precisa-se de um volume de recursos mais significativo e mais conexão com as áreas de políticas públicas, empresarial, das fábricas e assim por diante.

Há que se passar de uma pesquisa, digamos, meio amadora, o que acontece em grande parte do País

